

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CARLA LORENA DE PAULA ANTUNES  
CATIUSCIA MORAES SILVA VEIGA  
JANAÍNA SILVA DE OLIVEIRA LACERDA  
JÉSSICA LOBO

DISLEXIA: DESCOBERTAS E APRENDIZAGENS

ANÁPOLIS – GO  
2019

CARLA LORENA DE PAULA ANTUNES  
CATIUSCIA MORAES SILVA VEIGA  
JANAÍNA SILVA DE OLIVEIRA LACERDA  
JÉSSICA LOBO

DISLEXIA: DESCOBERTAS E APRENDIZAGENS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof. Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel.

ANÁPOLIS – GO

2019

CARLA LORENA DE PAULA ANTUNES  
CATIUSCIA MORAES SILVA VEIGA  
JANAÍNA SILVA DE OLIVEIRA LACERDA  
JÉSSICA LOBO

## DISLEXIA: DESCOBERTAS E APRENDIZAGENS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof. Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel.

Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel  
**ORIENTADORA**

---

Ma. Marisa Roveda  
**CONVIDADO**

---

Me. Tobias Goulão  
**CONVIDADO**

## DISLEXIA: DESCOBERTAS E APRENDIZAGENS

### DISLEXYA: DISCOVERIES AND LEARNING

Carla Lorena de Paula Antunes\*  
Catiúscia Moraes Silva Veiga\*\*  
Janaína Silva de Oliveira Lacerda\*\*\*  
Jéssica Lobo\*\*\*\*  
Aracelly Rodrigues Loures Rangel\*\*\*\*\*

**RESUMO:** A presente pesquisa relata a dislexia, bem como, suas descobertas e aprendizagens. Definida como um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração e encontrada geralmente no início da alfabetização, a dislexia causa grandes prejuízos no desenvolvimento da criança e é uma realidade entre muitas delas. Tem o objetivo de compreender a dislexia diante da perspectiva psicopedagógica no processo de ensino e aprendizagem. Foi realizada uma revisão bibliográfica, em que a busca dos artigos foi realizada através de livros e nas bases de dados Scielo - *Scientific Eletronic Library Online*, através dos seguintes descritores: Dislexia, Desenvolvimento, Criança, Aprendizagem e Educador. Como critérios de inclusão foram selecionados artigos na íntegra e que abordassem o tema proposto, outrora quanto ao critério de exclusão, foram

---

\* Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Católica de Anápolis.

1. *E-mail: carlalorenapiri1235@gmail.com*

\*\* Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Católica de Anápolis.

2. *E-mail: catiúscia140@gmail.com*

\*\*\* Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Católica de Anápolis.

3. *E-mail: janainadasilvalacerda1@gmail.com*

\*\*\*\* Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Católica de Anápolis.

4. *E-mail: jessica1985lobo@gmail.com*

\*\*\*\*\* Graduada em Letras pela Anhanguera Educacional e Especialista em Assessoria Linguística e Revisão Textual.

*E-mail: aracellyloures2008@hotmail.com*

excluídos artigos não estivessem disponíveis na íntegra e/ou que não abordassem o tema proposto. Aprofundando os conhecimentos sobre a dislexia, notou-se que a discussão do tema ainda é muito necessária, em meio que, este transtorno nem sempre é identificado e tratado como se deve, além disto, o diagnóstico precoce e um trabalho diferenciado do educador pode fazer toda a diferença na aprendizagem do aluno. Posteriormente, o artigo é de grande valia, representando ao profissional da educação uma fonte de esclarecimento sobre o tema.

**Palavras-chave:** Dislexia. Desenvolvimento. Criança. Aprendizagem. Educador.

**ABSTRACT:** This research reports dyslexia as well as its discoveries and learnings. Defined as a learning disorder or reading, writing and spelling disorder and commonly found at the beginning of literacy, dyslexia causes major impairments in child development and is a reality among many of them. It aims to understand dyslexia from the psycho-pedagogical perspective in the teaching and learning process. A literature review was performed, in which the search for articles was performed through books and Scielo - Scientific Electronic Library Online databases, through the following descriptors: Dyslexia, Development, Child, Learning and Educator. As inclusion criteria were selected articles in full and addressing the proposed theme, once as the exclusion criterion, articles were not available in full and / or did not address the proposed theme. Deepening the knowledge about dyslexia, it was noted that the discussion of the topic is still very necessary, since this disorder is not always identified and treated as one should, besides, the early diagnosis and a differentiated work of the educator can do all the difference in student learning. Subsequently, the article is of great value, representing to the education professional a source of clarification on the subject.

**Keywords:** Dyslexia. Development. Child. Learning. Educator.

## 1 INTRODUÇÃO

A dislexia pode ser considerada como um Transtorno Específico da Aprendizagem (TEA). Têm origem neurológica e afeta diretamente a leitura e a escrita. Este transtorno se manifesta na fase inicial da vida das pessoas, isto é, muito cedo.

Com base nas afirmações de Alves e Ferreira e Ferreira (2014), os transtornos originam-se de anormalidades no processo cognitivo, derivando de uma grande parte de algum tipo de disfunção biológica. Para os autores, as pessoas costumam ter dificuldades quando associam o som a letra, acostumando-se também a trocar letras, ou até mesmo escrevê-las em ordem contrária.

Nota-se, portanto, que as dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita, têm se tornando um dos assuntos mais abordados no campo educacional, por se tratar de um comprometimento que caso não seja amenizado a tempo pode trazer várias consequências aos educandos. Para tanto, torna-se essencial o bom desempenho do educador em sala de aula, afinal ele deverá ser um dos facilitadores/mediadores da aprendizagem em conjunto com especialista da área de medicina.

Esta pesquisa surge na tentativa de investigar as limitações e dificuldades que um educando com dislexia enfrenta com relação ao processo de ensino e aprendizagem e quais os desafios que os educadores que atuam com estes educandos enfrentam.

Mediante estas afirmações, surge o questionamento: quais as limitações e dificuldades existentes no processo de ensino e aprendizagem de um educando com dislexia, bem como, as dificuldades encontradas pelos educadores que atuam diretamente com estes educandos?

No decorrer deste estudo serão esclarecidas algumas informações quanto a como identificar um educando com dislexia e as técnicas utilizadas para tratar o educando com dislexia em seu processo de ensino e aprendizagem, buscando identificar os fatores causadores deste transtorno.

Todavia, percebe-se que a maioria dos educadores não têm conseguido diagnosticar estas dificuldades, e, até as confundem, rotulando o aluno a um problema utópico, culpando tanto o sistema de ensino quanto a família por estas dificuldades.

Sob este ponto de vista, Assunção (2018) enfatiza a necessidade de políticas públicas que garantam ao profissional da educação dignidade em seu plano de carreira, políticas de formação e uma estrutura devidamente organizada para que todos possam cumprir as suas atribuições e permitir que as crianças disléxicas se desenvolvam no processo de ensino e aprendizagem.

Diante deste contexto, o objetivo geral deste trabalho foi: compreender a

dislexia diante da perspectiva psicopedagógica no processo de ensino e aprendizagem. Enquanto que, os objetivos específicos foram: conceituar a dislexia, bem como, suas características e tipologias, descrever o papel da escola no processo de ensino e aprendizagem de crianças disléxicas e, por fim descrever as técnicas utilizadas pelo educador para trabalhar a dislexia.

A presente pesquisa foi realizada a partir do método de revisão bibliográfica, visto que é um estudo aprofundado sobre uma determinada temática. Para isto, o estudo se desenvolveu através de instrumentos de busca e leitura de livros, bem como, de artigos, incluindo a leitura crítica dos mesmos, isto é, baseado no referencial teórico bibliográfico utilizado. Posteriormente, a busca dos artigos foi realizada por meio da base de dados Scielo - *Scientific Eletronic Library Online*, contendo os seguintes descritores: Dislexia, Limitações, Dificuldades, Educadores, Processo e Ensino e Aprendizagem. No que se refere aos critérios de inclusão foram selecionados artigos na íntegra e que abordassem o tema proposto, todavia, quanto ao critério de exclusão, foram excluídos artigos não estivessem disponíveis na íntegra e/ou que não abordassem o tema proposto.

Por fim, este trabalho será estruturado em seções. A primeira seção 1.apresentada na introdução, relata um breve conceito sobre a dislexia e suas descobertas e aprendizagens. 2.Conceituando a dislexia, suas características e tipologias. 3.O papel da escola no processo de ensino e aprendizagem do aluno com dislexia. 4.Técnicas utilizadas pelo educador para trabalhar a dislexia. 5.Considerações Finais. 6. Referências Bibliográficas.

## **2 CONCEITUANDO A DISLEXIA, SUAS CARACTERÍSTICAS E TIPOLOGIAS**

A presente seção tem por objetivo fomentar o debate sobre a dislexia, bem como, suas características e tipologias. Para isso, é preciso compreender o que de fato é o transtorno e, conseqüentemente a história que deu início ao termo “dislexia”, termo este que foi atribuído com o passar dos tempos e novas pesquisas.

Não se pode falar da história da dislexia e não abordar, mesmo que brevemente, da escrita. Conforme Muszkat e Rizutti (2012), ao longo da história a escrita surgiu de forma lenta devido à evolução do cérebro humano, iniciando-se por meio dos símbolos e figuras que foram se modificando com o passar dos anos.

O primeiro caso conforme Hennigh (2003), foi o Dr. Pringle Morgan, quem pela primeira vez em 1986 diagnosticou uma criança com cegueira verbal. Na descrição dada pela criança o Dr. Pringle Morgan afirma “um garoto brilhante e inteligente, rápido nos jogos e de nenhuma maneira inferior aos outros de sua idade. Sua grande dificuldade era aprender a ler”.

Hout e Estienne (2001) *apud* Evans (2006) enfatiza que o caso foi comparado com os de dois adultos, com as mesmas dificuldades, só que estas foram causadas por ocorrência de uma lesão cerebral. O Dr. Morgan junto com Hinshelwood, médico que estava interessado no caso, o caracterizaram de “cegueira verbal”, sendo esta compreendida como um déficit grave, ocorrido em alunos inteligentes, mas que eram de origem neurológica, e não ocasionado por lesão cerebral.

Entretanto, somente em 1887, o termo dislexia foi apresentado pelo Dr. Rudolf Berlin. Todavia, ele considerou que a dificuldade de leitura poderia decorrer de uma “doença cerebral” e não mais de uma lesão cerebral. A proposta apresentada por ele foi a primeira a reconhecer que a dificuldade dos disléxicos poderia ser causada por outro fator e não tão somente em casos de traumatismo craniano, isto é, até aquele momento, a dislexia era entendida como algo obtido após o nascimento (HENNIGH, 2003).

Diante de várias teorias que surgiram na busca de explicar o que “provocava” a dificuldade de leitura, Samuel Orton foi um dos investigadores mais importantes no campo da dislexia, pois foi ele que descreveu a ocorrência de inversões da leitura. Também apresentou o conceito de dislexia específica ou distúrbio específico da leitura, para fazer referência a crianças com dificuldades na aprendizagem de leitura (MONTANARI, 2015).

Para Teles (2004), a dislexia é uma perturbação da linguagem que tem na sua gênese em um déficit fonológico. As dificuldades de orientação espacial, lateralidade, identificação direita e esquerda, psicomotoras e grafomotoras são independentes da dislexia. Podem existir subgrupos que, em comorbilidade, apresentem estas perturbações.

Almeida (2009) aponta que o termo dislexia é constituído pela contração de duas palavras gregas que significam dis = difícil e lexis = dificuldade na área da leitura, escrita e/ou soletração. Este conceito que passou a ser usado a partir do século XIX, para se referir as dificuldades no aprendizado a leitura e escrita que passam alguns jovens.

Em resumo, “o conceito dislexia possui origem grega e significa uma dificuldade na leitura”. Em termos mais simples, a dislexia pode ser entendida como a dificuldade que o indivíduo possui em ler. Desta forma, quando uma pessoa apresenta problemas na leitura, será facilmente associada a dislexia. Todavia, o conceito de dislexia apresenta-se mais complexo do que uma simples dificuldade no ato da leitura (OLIVIER, 2006).

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia, o transtorno pode se definir como:

[...] é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA, 2016).

Isto é, o indivíduo que possui a dislexia não a adquiriu por meio do contexto sócio cultural. Não se trata de doença mental, visual ou auditiva. Nem tão somente é consequência de algum fator educacional.

## 2.1 CARACTERÍSTICAS

Zorzi e Ciasca (2009) e Prado (2010) apontam que o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita envolvem muitas atividades complexas. Por isto, este é um processo que pode provocar as mais diferentes dificuldades durante o desenvolvimento da aquisição da leitura e da escrita. Uma das características que chama atenção neste momento são os erros ortográficos cometidos pelas crianças na produção de escritas. Todavia, é normal que no início do processo de alfabetização comente-se estes tipos de “erros”, até que se consiga dominar o sistema ortográfico, já que é um processo evolutivo e as hipóteses da escrita estão sendo elaboradas.

Em complemento à citação anterior, de acordo com Gonçalves e Navarro (2012, p.05), a dislexia pode ser facilmente identificada por meio dos sintomas mais comuns durante a leitura de determinados dígrafos, vogais e consoantes determinadas, tais como:

“os sintomas do distúrbio são: pronúncia com arritmia, omissão de letras ou

sílabas, omissão ou adição de sons: casa lê casaco, prato lê pato; ao fazer a leitura pula-se linha ou volta para a anterior; leitura silabada e lenta para a idade, entonação inadequada, palavras mal agrupadas, cortes; hesitações e pontuação não respeitada, dificuldades na interpretação, dificuldades em análise e síntese; dificuldade para resumir; confusão de letras, sílabas ou palavras que se parecem graficamente: a/o, e/c, f/t, m/n, v/u, inversão de letras com grafia similar: b/p, d/p, d/q, b/d. n/u, a/e; inversões de sílaba; am/me, sol/los, sal/las, par/pa.

Pode se considerar então que a partir desta contribuição de Gonçalves e Navarro, a dislexia também pode afetar negativamente na confiança do estudante durante a leitura, assim como pode afetar a performance do indivíduo na leitura, porém tal fato não estabelece que estes desvios ou lapsos são devido à falta de atenção do indivíduo portador da dislexia, mas ao distúrbio que a mesma provoca estes portadores.

Neste cenário, Rotta e Pedroso (2006) corroboram que é durante o período de 6 a 7 anos que fica mais perceptível a dislexia, pois nesta fase pais e educadores começam a perceber dificuldades das crianças em aprender a ler, escrever, calcular e soletrar.

Sendo a dislexia um transtorno linguístico, e que suas primeiras manifestações se iniciam ainda na infância e que persiste na vida adulta, é possível notar manifestações desta em diferentes fases. Para Moojen e França (2006, p.170) “é necessário destacar que a presença destes aspectos, particularmente na pré-escola e séries iniciais, não determinam um quadro disléxico por si só”.

### **2.1.1 Sinais e Sintomas**

Para Schimidt (2007) um dos primeiros sinais de uma possível dislexia pode ser detectado quando a criança, mesmo estudando em uma boa escola, tem dificuldade em assimilar o que é ensinado pelo educador. As crianças que possuem desenvolvimento educacional retardatário podem ser bastante inteligentes, mas podem sofrer de dislexia. A melhor atitude a ser tomada é proporcionar que os profissionais qualificados examinem a criança para analisar se ela é disléxica ou não.

Varella (2012) evidencia que os sintomas da dislexia variam conforme os diferentes graus de gravidade do distúrbio e tornam-se mais evidentes durante a fase da alfabetização. Dentre os mais comuns encontram-se as seguintes

dificuldades para ler, escrever e soletrar; de entendimento do texto escrito; para de identificar fonemas, associá-los às letras e reconhecer rimas e alterações; para decorar a tabuada, reconhecer símbolos e conceitos matemáticos (discalculia); ortográficas, troca de letras, inversão, omissão ou acréscimo de letras e sílabas (disgrafia), de organização temporal e espacial e coordenação motora.

Para Schimidt (2007), a disgrafia é uma inabilidade ou um atraso no desenvolvimento da linguagem escrita, especificamente da escrita cursiva. Para o autor, escrever com uma máquina datilográfica ou com o computador pode ser muito mais fácil para quem é disléxico. Na escrita manual, as letras podem ser mal grafadas, borradas ou incompletas, com tendência à escrita em letra de forma. Desta forma, os erros ortográficos, as inversões de letras, sílabas e números e a falta de troca de letras e números ficam caracterizados com muita frequência.

Na visão de Cinel (2003), a escrita precisa ser mais cuidada que a fala, por isto torna-se mais frequente e mais evidente os problemas que se denominam disortografia ou disgrafia. Assim, a disgrafia é a perturbação da escrita, mais precisamente no que se refere aos traçados das letras e à disposição dos conjuntos gráficos no espaço utilizado, relacionando a disgrafia com as dificuldades motoras espaciais.

Podem ser citados como prováveis sinais da disgrafia, os distúrbios de motricidade ampla e fina, visto que esta última mais especialmente, os distúrbios de coordenação visomotora, a deficiência de organização temporoespacial, os problemas de lateralidade e direcionalidade e o erro pedagógico.

Diante de todas as perturbações destacadas, conforme o autor, interferem em todos os campos de ação da criança, na escola ela estará sujeita ao mau rendimento, desempenho medíocre, mesmo possuindo uma boa capacidade intelectual, não havendo um domínio do corpo, autonomia e uma precisão no gesto, a atenção será desviada e absorvida no necessário controle do movimento.

Para Moraes (2012), a discalculia é uma forma de dislexia que afeta a capacidade do indivíduo de compreender e manipular números. É um problema causado pela má formação neurológica que se manifesta como uma dificuldade no aprendizado dos números e não é causada por deficiência mental, má escolarização, déficits visuais ou auditivos e também não tem nenhuma relação com os níveis de QI e inteligência.

Neste cenário, os indivíduos que apresentam este tipo de dislexia são

capazes de identificar os sinais matemáticos, montar as operações, classificar os números, compreender os princípios de medida, seguir as sequências, identificar os conceitos matemáticos e, relacionar o valor da moeda.

Frente à estas afirmações, para que o educador consiga detectar a discalculia em uma criança é indispensável que ele esteja atento à trajetória de aprendizagem deste aluno, analisando principalmente quando ele apresentar símbolos matemáticos, malformados, demonstrar incapacidade de lidar com quantidades numéricas, não reconhecer os sinais das operações, apresentar dificuldades na leitura de números e não conseguir localizar espacialmente a multiplicação e a divisão.

Segundo Barbosa (2014), o indivíduo com dislexia se destaca com alguns sintomas ainda na infância quando apresenta atraso no desenvolvimento motor, dificuldade na fase de engatinhar, sentar e andar, na aquisição da fala e pronúncia de palavras, dificuldade em compreender o que se está ouvindo, problemas com alergias, infecções e também pode apresentar-se com hiper ou hipo atividade motora, dificuldade de adaptação nos primeiros anos letivos. Estes e outros sinais e sintomas são frequentes no indivíduo portador de dislexia.

Neste viés, Schimitdt (2007), na primeira série, crianças disléxicas demonstram dificuldade ao tentar rimar palavras e reconhecer letras. Elas não conseguem ler palavras curtas e simples, têm grande dificuldade em identificar fonemas e reclamam que ler é muito difícil. Já da segunda à quinta série, crianças disléxicas têm dificuldade em soletrar, ler em voz alta e memorizar palavras, pois elas também confundem palavras.

Prado (2010) enfatiza ainda que um dos fortes indicadores de que a criança apresentará dificuldade de leitura e escrita, futuramente está relacionada ao atraso na fala, isto é, deficiências no processo fonológico, estes são perceptíveis ainda da educação infantil, e estas crianças são conhecidas como “riscos” no desenvolvimento da dislexia.

Logo, na fase adulta pode-se observar: “tendência de leitura lenta, embora alguns sejam capazes de ler corretamente; dificuldade com ortografia, produção textual” (MOOJEN; FRANÇA, 2006, p.172).

### **2.1.2 Diagnóstico**

Diante deste contexto, para ter-se um diagnóstico precoce dos distúrbios de letras, os educadores e pais precisam ficar atentos para as inversões de sílabas ou palavras como “sol-los”, “som-mos”, como também, prestar atenção na adição e/ou omissão de sons, repetição de sílabas, salto de linhas e soletração defeituosa de palavras.

Varella (2012) enfatiza ainda que é de extrema importância estabelecer o diagnóstico precoce para evitar que sejam atribuídos aos portadores do transtorno rótulos depreciativos, com reflexos negativos sobre a sua autoestima e projeto de vida”.

Conforme Rorato (2012), o diagnóstico tem sido orientado por sintomas e sinais característicos. Em casos menos graves, os problemas só passam a ser percebidos como dificuldades de aprendizagens, no geral, pelo educador e se tornam mais visíveis a partir do segundo ano do primário. No entanto, quando os níveis são muito tênues, correm o risco de não serem diagnosticados e, por falta de uma assistência adequada, o disléxico pode vir a agravar as suas dificuldades sociais e de aprendizado. Todavia, nos casos mais graves ou severos as dificuldades podem ser percebidas com maior facilidade, podendo ser utilizado o tratamento mais adequado para facilitar a vida do disléxico.

Nota-se, portanto, que nos dias atuais para se obter o diagnóstico da dislexia precisamos associá-lo a algumas alterações do cérebro e também diferenciá-la de outros distúrbios, um indivíduo que apresenta dislexia não pode, em momento nenhum, ser considerado como um deficiente mental.

Sendo assim, o diagnóstico precoce torna-se indispensável para que ocorra um desenvolvimento contínuo dos disléxicos, reconhecer as principais características é o primeiro passo para que se possa ser evitado anos de dificuldades e sofrimentos que poderiam ser evitados, criando assim um espaço para que a criança desenvolva um desinteresse pela escola e por tudo o que está ao seu redor, propiciando um quadro “fóbico” por atividades que exijam a leitura e a escrita.

### **2.1.3 Tratamento**

Segundo Varella (2012), ainda não se conhece a cura para a dislexia.

Todavia, o tratamento exige a participação de especialistas em várias áreas, tais como: pedagogia, fonoaudiologia e psicologia para ajudar o portador de dislexia a superar, na medida do possível, o comprometimento no mecanismo da leitura, expressão, escrita ou matemática.

Posteriormente, Rorato (2012) destaca que a dislexia não é curada sem um tratamento apropriado, pois não é um problema que é superado com o tempo, afinal ela não passa despercebida. Neste cenário, os educadores devem se manter atentos e se esforçar para identificar qual a possibilidade de os alunos apresentarem dislexia, visto que os tratamentos ajudam os disléxicos a reconhecer sons, sílabas, palavras e até mesmo frases. Se observa uma melhora eficaz quando a criança lê em voz alta junto com um adulto para que ele possa fazer as correções necessárias, porém é um trabalho que exige muito esforço, trabalho, atenção e repetição.

## 2.2 TIPOS DE DISLEXIA

Quando se trata de especificar os tipos de dislexia, encontramos muitas classificações e nomenclaturas variadas. De acordo Garcia e Heil (2017), dentro da dislexia destacam-se a visual e a auditiva, que implicará no processo de leitura. Entretanto, deve-se lembrar que a dislexia visual e a auditiva não se referem a problemas relacionados aos sentidos, como por exemplo, a visão e a audição.

A fim de exemplificar as definições de cada tipo de dislexia o quadro abaixo será exibido para melhor percepção de como acontecem as trocas, omissões, inversões e outras manifestações realizadas pelos alunos disléxicos:

**Quadro 01:** Tipos de dislexia e suas características

|  |   |
|--|---|
| <p style="text-align: center;"><b>Dislexia Disfonética</b></p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldades de percepção auditiva na análise e síntese de fonemas;</li> <li>• Dificuldades temporais;</li> <li>• Percepções da sucessão e da duração;</li> <li>• Trocas de fonemas (sons) e grafemas-diferentes;</li> <li>• Dificuldades no reconhecimento e na leitura de palavras que não tem significado;</li> <li>• Alteração na ordem das letras e sílabas: azedo-adezo;</li> <li>• Omissões e acréscimos: escola-escola, nem-neim;</li> </ul> |
|--|---|

|                             |   |
|-----------------------------|---|
|                             | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Maior dificuldade na escrita do que na leitura;</li> <li>• Substituições de palavras por sinônimos ou trocas de palavras por outras visualmente semelhantes: infâmia-infância.</li> </ul>  |
| <b>Dislexia Diseidética</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldade na percepção visual, gestáltica, na análise e síntese de fonemas (leitura silábica, sem conseguir a síntese das palavras);</li> <li>• Leitura silábica, sem conseguir a síntese das palavras: comigo – com-migo;</li> <li>• Aglutinações e fragmentações de palavras: fazer isso-fazerisso, enquanto-em quanto;</li> <li>• Troca por equivalentes fonéticos: vaca-faca, pato-bato;</li> <li>• Maior dificuldade para leitura do que para escrita.</li> </ul> |
| <b>Dislexia Visual</b>      | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Deficiência na percepção visual;</li> <li>• Deficiência na coordenação visomotora, pois não visualiza cognitivamente o fonema.</li> </ul>  |
| <b>Dislexia Auditiva</b>    | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Deficiência na percepção auditiva;</li> <li>• Deficiência na memória auditiva dos portadores (não audiabiliza cognitivamente o fonema).</li> </ul>   |
| <b>Dislexia Lexical</b>     | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Combinação de mais de um tipo de dislexia;</li> <li>• Afeta fortemente a leitura de palavras irregulares.</li> </ul>   |

Fonte: PONÇANO (2007, p46-7) – Adaptado

### **3 O PAPEL DA ESCOLA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO COM DISLEXIA**

A temática dislexia é na maioria das vezes esquecido nas escolas, e isto pode fazer com que os rótulos comecem a aparecer nos alunos, porém isto só acontece por falta de informação dos educadores sobre o assunto.

Todavia, muitas vezes nas escolas, os educadores se isentam da responsabilidade de desenvolver as habilidades necessárias para os alunos que possuem algum tipo de transtorno, isto quando o reconhecem, tendo em vista que estes profissionais são frutos de um currículo formativo que não contempla a educação inclusiva e uma formação específica para os transtornos que afetam no

desenvolvimento da aprendizagem.

Conforme Borba (2012), observar como é o vínculo que ele faz com a aprendizagem, com o objeto do conhecimento, buscar informações com a família, profissionais e orientadores é a melhor forma para conseguir agir e auxiliar nas tarefas diárias como a organização da rotina, materiais, cobrar atividades propostas em sala de aula de uma forma diferenciada conforme o ritmo de cada um, auxiliando também em conquistas no dia-a-dia e da autoestima.

Para Ercolin (2008,p.12) o aluno diagnosticado com dislexia não deve ser rotulado em sala de aula como um estudante incapacitado durante o processo de ensino e aprendizagem, além disto, deve-se ter ressalvas com o diagnóstico da dislexia, uma vez que, a própria Associação Brasileira de Dislexia (ABD) preconiza que o diagnóstico deve ser realizado por uma equipe multidisciplinar, precisando ser descartados fatores como déficit intelectual, disfunções ou deficiências auditivas e visuais, lesões cerebrais (congenitas e adquiridas), e desordens afetivas anteriores ao processo de fracasso escolar”.

Gonçalves e Navarro (2012, p.9) ressaltam ainda que se faz necessário que o educador “seja o maior responsável por facilitar o dia-a-dia do disléxico, criando formas de trabalhar dentro da sala de aula por meio da prática de repassar ao aluno resumo do programa a ser desenvolvido, além de expor no início do ano”.

Snowling e Stackhouse (2004) enfatizam ainda que a escola precisa envolver os pais neste processo, considerando que muitas vezes se encontram confusos e perdidos em relação ao que fazer com os seus filhos, dividindo a responsabilidade de desenvolver a aprendizagem das crianças disléxicas.

Ainda segundo Gonçalves e Navarro (2012), os métodos utilizados pelos autores devem também auxiliar os portadores da dislexia, como material de apoio especial, mesmo sendo os recursos mais simples para a sala de aula.

Visando esclarecer o papel da escola diante do aluno com dislexia, os autores elencam algumas dicas importantes que deveriam ser de conhecimento geral, em suas palavras: a escola tem por obrigação ter o conhecimento sobre os distúrbios que possam intervir na aprendizagem e realizar junto ao aluno o acolhimento, tão necessário, mostrando a ele que a escola está ao seu lado e também irá ajudá-lo a superar todas as dificuldades que surgirem.

Diante deste contexto, Prado (2010) finaliza apontando que para se trabalhar com este grupo de alunos é necessário trabalhar de modo integrado e

contextualizado, envolvendo os aspectos: linguagem, raciocínio, concentração, percepção, esquemas corporal, orientação espacial, temporal e a lateralidade.

Considera ainda que todas as informações devem ser repassadas aos educadores com o qual o aluno tem aula e, posteriormente a escola deve providenciar o nivelamento de conhecimento a respeito da dislexia para todos os professores.

#### **4 TÉCNICAS UTILIZADAS PELO EDUCADOR PARA TRABALHAR A DISLEXIA**

Com a necessidade de compreender quais são as práticas que podem ser voltadas para um melhor desenvolvimento intelectual do aluno disléxico será necessário ressaltar quais são as competências prioritárias na formação do educador do ensino fundamental. Deste modo, fica claro como o papel do educador pode interferir na vida do aluno disléxico e até onde ele pode ser considerado responsável pelo desenvolvimento dos indivíduos.

Borba (2012) complementa, afirmando que o educador é o mediador e trabalha a autonomia do intelectual do aluno, levando-o a se tornar capaz de pensar por sim mesmo. Para facilitar isso, ele deve tornar a sala de aula em um ambiente de fórum de debates, como hora da piada, momentos de recordações e tabuada do milhão.

Neste sentido, Montanari (2015) nos traz que ao tratar o assunto dislexia, vem logo em mente quais os procedimentos para se tratar com alunos disléxicos, que atividades serão eficazes e ajudarão no desenvolvimento da aprendizagem. Neste aspecto, o autor relata que são inúmeros os métodos usados, e que não existe um eficaz para todos os casos, uma vez que, cada disléxico pode apresentar variadas características.

Segundo Barbosa (2014), algumas mudanças nas práticas pedagógicas podem promover o desenvolvimento de alunos com diagnóstico de dislexia. Estas mudanças podem garantir plenamente aos discentes seus direitos, respeitando suas dificuldades e limitações.

Nesta perspectiva, ainda há muito por aprender e muito por fazer, pois cada aluno tem suas particularidades e cada indivíduo é único, exigindo novas experiências.

Conforme Ercolin (2008), o docente deve ser cuidadoso, afinal o maior risco é

ver estas crianças alijadas do processo de aprendizagem devido pertencer a uma categoria discriminada como tendo problemas de aprendizagem. Sabe-se o que acontece com crianças com diagnóstico, e infelizmente na maioria dos casos, não significa maior cuidado e empenho do educador da sala de aula.

Todavia, Ercolin (2008) e Gonçalves e Navarro (2012) demonstram as definições sobre a dificuldade que o educador das séries iniciais em sala tem em detectar a dislexia, pois relatam que cabe à escola, juntamente com o mesmo, incluir este aluno na sala de aula, trabalhando para que o mesmo consiga amenizar seu distúrbio de aprendizagem. Torna-se importante enfatizar que a dislexia não é amenizada sem um tratamento apropriado, afinal não se trata de um problema que é superado com o tempo e, ela não pode passar despercebida.

Nesta vertente, Santos (2012) corrobora ainda apontando que existem crianças com dislexia, mas são uma minoria, pois a maioria dos disléxicos que são designados, não aprendem por faltar nas escolas propostas e condições educacionais de ensino, apropriadas para os alunos com esta dificuldade.

Sob este ponto de vista, Prado (2010) aponta algumas atividades que podem ser trabalhadas com alunos disléxicos, objetivando o desenvolvimento de competências escolares. Deve-se trabalhar com atividades de consciência fonológica, para assim, estimular a aquisição da leitura e da escrita auditivamente e, através de figuras, carimbos e colagens de cartelas no caderno”.

Ainda segundo Prado (2010), outra atividade que pode ser trabalhada é a estimulação auditiva e visual, objetivando trabalhar o fonema e o grafema e, posteriormente para este tipo de atividade o autor sugere demais atividades com músicas, no qual ao ouvir o aluno marca com palmas e fonemas e grafemas já trabalhados. Em seguida, o autor ainda propõe algumas propostas de jogos com a finalidade de estimular o aluno.

Isto conota que é importante que o trabalho com o aluno disléxico não se restrinja apenas numa adaptação curricular, afinal cada aluno com dislexia, provavelmente, apresentará questões particulares na sua aprendizagem que poderá destoar dos demais colegas. Assim, a figura do educador é sempre primordial neste processo de diagnóstico e abordagens, buscando sempre criar um espaço de diálogo com este aluno, de forma que o educador consiga compreender quais são as reais necessidades reais desta criança e, a partir disto, aperfeiçoar seu método de trabalho.

É por isto que Hennigh (2003) afirma que buscando auxiliar o disléxico na aprendizagem, existem cinco princípios que o professor deve compreender para que possa ajudar seus alunos. O primeiro se refere a usar métodos multissensoriais, visto que os alunos aprendem melhor quando envolve o uso simultâneo e integrado das diferentes modalidades sensoriais. O segundo refere-se a leitura, que neste aspecto o professor deve gerar uma visão positiva, afinal muitos alunos com dislexia apresentam dificuldade com a leitura e acabam desmotivados. O terceiro consiste na minimização do rótulo de disléxico, uma vez que, este pode afetar a autoestima da criança e fazer com que ela não acredite em suas próprias capacidades. O quarto indica que os professores e alunos devem permitir que seus padrões de leitura corretos sirvam de modelo à criança com dislexia. Por fim, o último explica que o professor deve trabalhar com a leitura de forma a englobar o som, letra e reconhecimento da palavra.

Com base nas afirmações anteriores, percebe-se que o educador deve possuir bom senso para educar e trabalhar pedagogicamente com crianças disléxicas, porque o professor necessita ser capacitado e ter conhecimento a respeito do problema. Muitos educadores, preocupados com o ensino das primeiras letras, e não sabendo como resolver as dificuldades.

Sendo assim, o papel do professor frente ao disléxico deve ser de orientador e facilitador, proporcionando um ambiente estimulante e de apoio. Ainda pode juntamente com o aluno estabelecer objetivos que este deseja alcançar, motivando o estudante disléxico. Um outro fator importante para aprendizagem do aluno é favorecer a um ambiente centrado nele, isto é, o professor deve buscar novas formas de explicar uma atividade, quando esta não é compreendida pelo aluno, além de incentiva-lo a participar de atividades dentro da sala de aula, adequando-as (HENNIGH, 2003).

Os recursos mencionados pelos autores devem também auxiliar os portadores da dislexia, como material de apoio especial, mesmo sendo os recursos mais simples para a sala de aula.

Assunção (2018) evidencia que o professor por si só não possui obrigação ou condição de resolver tudo sozinho, mas entende-se que por estar diretamente ligado ao ensino, possa identificar as dificuldades apresentadas pelo aluno e em caso de suspeita de transtornos de aprendizagem ela possa informar aos pais e a escola, para que ambos tomem as medidas cabíveis.

Neste contexto, a Associação Brasileira de Dislexia (ABD) como forma de elucidar que os educadores podem fazer no intuito de auxiliar o aluno disléxico sugere algumas atitudes, sendo elas: dividir a aula em espaços de exposição, seguido de uma “discussão” e síntese ou jogo pedagógico, dar dicas e orientar o aluno como se organizar e realizar as atividades na carteira, valorizar os acertos e, conseqüentemente observar como ele faz as anotações da lousa e auxiliá-lo a se organizar.

Portanto, não é necessário que o professor mude tanto a sua prática, afinal precisa levar em conta o aprendizado das outras crianças. Ele apenas deve ser o auxílio do aluno disléxico, dobrar a atenção com esta criança e ser o motivador que ele necessita. Com o conhecimento mais aprofundado sobre como proceder, o educador pode fazer uma modificação positiva na vida do aluno e ajudar que ele desenvolva suas habilidades dentro e fora da escola.

Por conseguinte, o pedagogo deve monitorar as atividades e avaliar de forma diferenciada junto com o professor, pois o disléxico não aprende como um aluno sem o distúrbio. Diante deste contexto, os métodos e recursos devem ser repensados, para que o mesmo tenha um atendimento que o favoreça, pois vemos são os pedagogos e/ou educadores que devem estar preparados, ou melhor, aptos para acompanharem os alunos disléxicos, pois estes alunos são considerados pela ABD como Necessidades Educacionais Especiais (NEE) e também as escolas precisam estar preparadas para um atendimento, que utilize métodos multissensoriais.

É essencial a qualificação do profissional da educação, para que o mesmo consiga acompanhar ou pelo menos direcionar o aluno para um diagnóstico preciso. Assim, é imprescindível trabalhar com o aluno disléxico desde que o profissional de educação aceite o diferente, sem críticas nas dificuldades do aluno dentro da sala de aula.

Com base nestas discussões a respeito da dislexia e suas descobertas e aprendizagens, no próximo item encontra-se a metodologia desta pesquisa bibliográfica.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de todas as constatações sobre a temática, percebe-se a importância

de saber como diagnosticar precocemente uma criança disléxica e como isto pode favorecer para que o aluno obtenha um aprendizado mais coerente dentro da sala de aula nos anos iniciais e com o apoio do educador.

Todavia, no desenvolvimento do presente artigo, foi possível observar alguns fatores determinantes no processo de diagnóstico e estratégias, isto é, torna-se muito importante ressaltar que a dislexia não deve ser motivo para se conceber o aluno como alguém não competente para a realização das tarefas que o mesmo se propõe a fazer, visto que a dislexia não pode ser tratada, embora não tenha sido encontrada cura para este distúrbio; que é possível, por meio de um tratamento coerente, reduzir consideravelmente as consequências de tal problema.

Percebeu-se ainda, que um dos fatores primordiais neste processo de ensino e aprendizagem do aluno disléxico é o modo que a escola articula as relações com a família, comunidade, aluno e, principalmente educador, buscando um tratamento afetivo e respeito entre ambas as partes. Sendo assim, com base no aporte teórico, os objetivos foram todos respondidos.

Por fim, este estudo esclareceu com objetividade que o distúrbio da dislexia não se trata apenas de um problema que possa ser superado à curto prazo, entretanto, mas que é importante um trabalho conjunto por parte da família, comunidade, aluno e, educador, resultando em variadas estratégias de trabalho, de forma a contribuir para que o aluno disléxico sinta-se acolhido e parte integrante do processo de ensino e aprendizagem.

## 6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Giselia Souza dos Santos de. Dislexia: O grande desafio em Sala de Aula. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Faculdade Don Domênico**. 2. ed. 2009.

ALVES, Ângela; FERREIRA, E; FERREIRA, J. **Dislexia E Educação: Deveres e dilemas**. 36 f. 2014. Faculdade de Educação São Luís, Maranhão. Disponível em: [http://www.gestaouniversitaria.com.br/system/scientific\\_articles/files/000/000/051/original/Dislexia\\_e\\_Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf?1411606364](http://www.gestaouniversitaria.com.br/system/scientific_articles/files/000/000/051/original/Dislexia_e_Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf?1411606364). Acesso em: 06 dez. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **Como interagir com o disléxico em sala de aula**. 2016. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/como-interagir-com-o-dislexico-em-sala-de-aula>. Acesso em: 06 dez. 2019.

- ASSUNÇÃO, Gabriele Silva. **A dislexia e os desafios no processo de aprendizagem de língua portuguesa**. 49f. Monografia parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas. Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Santo Antônio de Jesus, 2018.
- BARBOSA, Cláudia Freitas Franco. **Dislexia: dificuldades de aprendizagem na escola**. 2014. 20f. Monografia de especialização. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.
- BORBA, Ana Luiza. **Interagir ou desistir? Como lidar com o aluno disléxico na sala de aula**. 2012. Disponível em: <http://www.slideshare.net/Masarela1968/como-interagir-com-o-aluno-2006>. Acesso em: 06 dez. 2019.
- CINEL, B.N.C. Disgrafia prováveis causas dos distúrbios e estratégias para a correção da escrita. **Revista do Professor**, Porto Alegre, v.74, n.19, p. 19-25, 2003.
- ERCOLIN, Elisa Helena. Dislexia: mais um diagnóstico para justificar o fracasso da escola. 2008. Disponível em: <http://revista.univar.edu.br>. **Revista Eletrônica da Univar**, n.7, p.81-5, 2008.
- EVANS, J.S. **Um estudo sobre dislexia**. 44f. Especialização em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2006.
- GARCIA, Viviane; HEIL, Lília Schainiuka. A criança com dislexia: um desafio no contexto escolar nos anos iniciais do ensino fundamental. **Faculdade Sant'Ana**, 2017. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/tcc/article/view/603>. Acesso em: 06 dez. 2019.
- GONÇALVES, Divia Lucia Souza; NAVARRO, Elaine Cristina. Como trabalhar com criança disléxica. **Revista Eletrônica da Univar**, n.7, p.81-5, 2012. Disponível em: <http://revista.univar.edu.br>. Acesso em: 06 dez. 2019.
- HENNIG, K. A. **Compreender a dislexia um guia para os pais e professores**. Porto Editora, 2003.
- HOUT, A.V; ESTIENNE, F. **Dislexias: descrição, avaliação, explicação e tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- MONTANARI, Rafaela. **Uma análise sobre dislexia na escola**. 2015. 65f. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.
- MOOJEN, S; FRANÇA, M. Dislexia: visão fonoaudiológica e psicopedagógica. In: ROTTA, N.T; OHLWEILER, L; RIESGO, R.S. **Transtornos de aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Artmed, p.165-180, 2006.
- MORAES, Paula Louredo. **"Discalculia, sintomas, causas e tratamento"; Brasil Escola**. 2012. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/doencas/discalculia.htm>. Acesso em: 06 dez. 2019.
- MUSZKAT, M; RIZZUTTI, S. **Educação & Saúde: O professor e a dislexia**. Ed. Cortez: 2012.

OLIVIER, L. **Distúrbios de Aprendizagem e de Comportamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2006.

PONÇANO, Neuza Aparecida Gibim. **A Dislexia como dificuldade de aprendizagem sob a ótica do professor – um estudo de caso**. 98 f. Dissertação de Mestrado – Universidade do Oeste Paulista, São Paulo. 2007.

PRADO, Z. **A importância das atividades lúdicas no processo de ensinoaprendizagem na dislexia**. 2010. 49f. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Estadual Paulista, São Vicente, 2010.

RORATO, Alline Franciele. **Dislexia**. 2012. Disponível em: [http://faculdadesdombosco.edu.br/v2.1/documentos/monografia%20\\_aline.pdf](http://faculdadesdombosco.edu.br/v2.1/documentos/monografia%20_aline.pdf). Acesso em: 06 dez. 2019.

ROTTA, N.T; PEDROSO, F.S. **Transtornos da Aprendizagem**. Porto Alegre: p.150-187, 2006.

SANTOS, Cleide Selma Pereira dos Santos. Uma abordagem teórica sobre a importância do olhar sensível do professor sobre o aluno disléxico numa perspectiva de educação inclusiva. **VI Colóquio Internacional**, São Cristóvão, 2012. Disponível em: [http://www.educonufs.com.br/cdvicoloquio/eixo\\_11/pdf/4.pdf](http://www.educonufs.com.br/cdvicoloquio/eixo_11/pdf/4.pdf). Acesso em: 06 dez. 2019.

SCHIMIDT, Augusta. **Formas de Dislexia**. 2007. Disponível em: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=43756&cat=Artigos&vinda=S>. Acesso em: 06 dez. 2019.

SNOWLING, Margaret; STACKHOUSE, Joy. **Dislexia, fala e linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

TELES, P. Dislexia: Como identificar! Como intervir? **Revista Portuguesa de Clínica Geral**. 2004, p.713-730. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/170989297/2683714Dislexia-Como-Identificar-e-Intervir>. Acesso em: 06 dez. 2019.

VARELLA, Drauzio. **Dislexia**. 2012. Disponível em: <http://drauziovarella.com.br/doencas-e-sintomas/dislexia>. Acesso em: 06 dez. 2019.

ZORZI, L.J; CIASCA, M.S. Análise de erros ortográficos em diferentes problemas de aprendizagem. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v.11, n.3, p. 406-416, jul./set. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v11n3/a07v11n3.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2019.